

Chama Crioula

Momento Sociopolítico

O Brasil, no final dos anos 40, do século XX, estava saindo da ditadura da chamada "Era Getúlio Vargas", que havia calado a imprensa, que prejudicava o desenvolvimento e prática de culturas regionais. Com isso, perdeu-se o sentimento de culto à regionalidade. As raízes regionais estavam em processo de esquecimento, adormecidas, reflexo da proibição de demonstrações de valores de cada um dos estados. Bandeiras e hinos dos estados foram, simbolicamente, queimados em cerimônia no Rio de Janeiro e, diante de tudo isso, os gaúchos estavam acomodados àquela situação, apáticos e sem iniciativa.

Liderados pelo jovem João Carlos D'Avila Paixão Côrtes, jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, criam um departamento de tradições gaúchas, que tinha a finalidade de preservar as tradições e o campeirismo do estado, mas também desenvolver e proporcionar uma revitalização da cultura rio-grandense, interligando-se e valorizando-a no contexto da cultura brasileira.

Dentro deste espírito é que surge a criação da Ronda Crioula, que foi do dia 7, com a extinção da Pira da Pátria, até o dia 20 de setembro, as datas mais significativas para os gaúchos.

Paixão solicitou à Liga de Defesa Nacional para fazer a retirada de uma centelha do "Fogo Simbólico da Pátria" para transformá-la em "Chama Crioula" como símbolo da união indissolúvel do Rio Grande do Sul à Pátria Mãe, e o desejo de que a mesma aquecesse o coração de todos os gaúchos e brasileiros, até o dia 20 de setembro, data magna estadual.

Nessa oportunidade, Paixão recebeu o convite para montar uma guarda de honra ao general farrapo David Canabarro, que seria trasladado de Santana do Livramento para Porto Alegre. Então, Paixão reuniu um piquete de oito gaúchos bem pilchados e, no dia 5 de setembro de 1947, prestaram a homenagem a Canabarro.